



CENTENÁRIO DA CIDADE DE CAMPINAS

José Carlos de Ataliba NOGUEIRA

“Não era possível esquecer aqueles vultos que ingressaram na nobreza do nosso Império pelas únicas vias do trabalho e da honradez. A nobreza brasileira recrutou-se nas fazendas de açúcar e de café, nas tarimbas do Exército, nos balcões do comércio, nas oficinas da indústria, nas cátedras das academias, no pretório dos magistrados, nos sólios episcopais, nos postos da administração. Omitir aqueles nomes, por preconceito político, seria o mesmo que dizer a todos quantos hoje se esforçam para sair da humildade e das camadas obscuras da sociedade por árdua labuta e ferrenha força de vontade, que uma vez conquistada a vitória e o seu nome agigantado, a obra do tempo teria que sepultá-lo no esquecimento, não podendo os filhos ter como brasão de glória os louros conquistados pelos seus antepassados.

Por demais extensa é a lista dos campineiros notáveis. Não tentarei enumerá-los, com receio de omissão, embora involuntária. Alguns mais, todavia, é impossível esquecer: o capitão-mór Floriano Camargo Penteadó, Correia de Melo, o genial Carlos Gomes, Santana Gomes, Quirino dos Santos, o dr. Ricardo Gumbleton Daunt, monsenhor Fergus O’Conor de Camargo Dauntre, Hércules Florence, Antônio Sampaio Peixoto, Campos Sales, que levou o nome de Campinas até a primeira magistratura da Nação; Cesar Bierrenbach, Hipólito da Silva, Francisco Glicério, Benedito Otávio, Moraes, Júlio Mesquita, Ramos de Azevedo, Rodrigo Otávio, coronel Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, duas vezes presidente do Paraná e Heitor Penteadó. Se nem todos nasceram em Campinas, todos entretanto, foram campineiros.

Do brilhante clero de minha terra, basta lembrar os vultos que fulgirem ou fulgem, ainda, no episcopado nacional: o grande e querido D. João Batista Correia Neri, D. Otávio Chagas de Miranda, D. Joaquim Mamede da Silva, D. Francisco de Campos Barreto, D. Francisco Borja do Amaral, sem deslembrar o caridoso D. Joaquim José Vieira e D. Idílio Soares, aqui não nascidos.

Senhores, com que orgulho descendemos dos vilões de São Carlos e Campinas, ascendentes dos grandes homens agora recordados, dos quais igualmente descendemos. O denodo e a bravura dos primeiros campineiros arrostavam as dificuldades todas da natureza bruta, em meio à floresta espessa, onde ainda por muitos anos ainda se ouviu o miar das onças e se viram, em graciosos vôos, as anhumas e tapeunas. Entre eles, também, as lutas sociais e políticas temperaram os ânimos, desde as primeiras contendidas para a eleição dos capitães-mores. Podiam esquecer-se de tudo, menos de que era campineiros. Entre as cidades brasileiras, é singular a nossa Campinas. Nunca foi satélite, sempre astro. Em 1905, escrevia César Bierrenbach que Campinas não tinha ciúmes dos recentes 300 mil habitantes de São Paulo. Paulistas e campineiros nunca se deram bem, como nunca se deram bem conosco ituanos e jundiaienses. Verdadeira malquerença? Não. Apenas contendidas de salutar bairrismo, virtude localista, fíncada no espírito do município e que tanto contribuiu para desenvolvimento das nossas cidades provincianas. A crônica é rica das sátiras e remoques que os campineiros faziam a esses outros povos, assim como das inevitáveis retribuições.

Nesta solenidade não se podia postergar a evocação e exaltação do velho espírito bairrista do campineiro, que o levou a engrandecer de cada vez mais a sua cidade, colocando-a no fastígio das mais importantes, notáveis e progressistas cidades brasileiras. Em toda parte, onde se encontrava, mesmo no estrangeiro, jamais se esquecia de que era campineiro, e não se contentava enquanto todos não soubessem que era campineiro. Lede aquela página do mesmo César, em que alude às duas mansões dos brasileiros, na capital francesa: a Legação do Brasil e o Consulado da Cidade de Campinas.

Jactância e arrogante altivez dos bons servidores do Brasil. A nossa querida Pátria brasileira só pode dizer de sua gratidão a esse gosto blazonador do campineiro, porquanto o amor de sua terra nunca jamais foi de hostilidade à Pátria única, nem em espírito sequer deixou um dia de ser construtor da grandeza nacional, entendendo que o engrandecimento de todos os municípios só pode acarretar a pujança do Brasil.

Ufano da sua terra, o campineiro conhece as virtudes singulares que vêm dos seus avós, os quais nunca pensaram em coisas mesquinhas e pequenas. Foi um tempo a “capital agrícola” da província e o seu progresso se fazia sentir em todos os domínios. É ela a “Princeza do Oeste”. Não só a riqueza do café, mas as grandes iniciativas: a Mogiana, canalizando a civilização por todo o sétimo distrito; estrada modelar, que recusou fusão com a “Paulista”, porque queria encampá-la. Nas letras, nas ciências, nas artes, o mesmo relevo do que na agricultura, na indústria e no comércio. Até na população, rivalizava com as mais importantes cidades, como São Paulo. As companhias de óperas do Rio se passavam a Campinas e de Campinas para Buenos Aires, sem atenção e outras cidades.

Para saber o que era Campinas, basta recordar a primeira Exposição Regional de produtos da sua lavoura, comércio e indústria, o maior acontecimento local de 1885 e que atraía a atenção dos homens da inteligência da província e da Corte, documento que justificava a fama de florescente e rica que Campinas gozava.

Depois... aquela medonha provação que Deus nos mandou, a febre amarela: o êxodo de muitas famílias, o luto e a desgraça em todas elas, o longo período de provação. De 1888 a 1920, mais ou menos, dormiu Campinas o seu sono letárgico mas, dormia como a filha de Jairo, à espera que o Senhor lhe estendesse a mão e de novo a chamasse à vida.

Da imortalidade surgiu, com a cabeça de perfil e as asas estendidas, a Fênix de ouro, símbolo do despertar da cidade florescida pelo triunfo e pela virtude.

Das antigas energias da raça campineira ressurgiu esta cidade grandiosa, que, dia por dia, surpreendeu pela incontida ânsia de ascender e engrandecer-se ainda mais.

Junto ao túmulo de Francisco Barreto Leme curvemo-nos reverentes. Sua voz emudeceu a 4 de abril de 1782; sua alma, porém, não ficou com o corpo, sepultado no recinto da antiga Matriz de Nossa Senhora do Carmo, porquanto da glória de Deus passou a contemplar a operosidade dos seus descendentes. A ele, venerando patriarca, fundador, administrador e diretor do primitivo povoado, o nosso preito de gratidão. Enquanto sua estátua não se erguer na praça pública pelas mãos dos seus companheiros, façamos-lhe votiva homenagem todos os anos junto da placa de bronze ali há pouco inaugurada. Comemorando o centenário da lei provincial de 5 de fevereiro de 1842, celebremos a tradição das velhas cidades de Campinas, Taubaté, Sorocaba e Itu, salientando as virtudes que as exalçaram.

“O Estado de S. Paulo”, 8-2-1942